

Jornal: Tribuna Independente

Data: 06/02/2020 Página: 11 Editoria: Cidades

TRIBUNA
INDEPENDENTE
tribunahoje.com

CIDADES

Litoral Sul: estudo aponta contaminação em mariscos

Análise foi feita em dezembro e resultados divulgados ontem por pesquisadores da Ufal

EVELLYN PIMENTEL
REPORTER

Pesquisadoras da Universidade Federal de Alagoas (Ufal) detectaram contaminação por óleo em mariscos no Litoral Sul do estado. A coleta foi feita em dezembro e os resultados da análise divulgados ontem (9). No estudo, ainda em curso, também foram avaliados peixes. No entanto, não houve indício de contaminação. O pesquisador da Ufal e coordenador da força-tarefa de estudos sobre os impactos do óleo Emerson Soares explica que foram encontrados entre 12 e 15 componentes de petróleo nos organismos e que mais pesquisas serão feitas para confirmar se ainda

há contaminação. "Essa é a quarta coleta de água, fizemos uma em outubro, duas em novembro e uma em dezembro, fechando o ano, e a coleta do pescado fizemos em dezembro também. A análise de pescado e água, fizemos em torno de 70 coletas de amostras. Foram 30 de peixes e cerca de 37 de bivalves, que são os massunins, que são os massunins. Peixe foi feito em Japaratinga, Ipocá e Coruripe; massunim na Praia de Flexeiras, Feliz Deserto e a Praia de Paçabuçu. A parte do massunim foi mais concentrada numa região extremamente produtora e realmente foi encontrada contaminação, entre 12 e 15 componentes do petróleo fazendo parte da composição da carne, o

que caracteriza que naquela época o massunim estava impróprio para o consumo, com nível mínimo a moderado de contaminação. O massunim estava impróprio para o consumo no mês de dezembro e vamos continuar monitorando para ver se há tendência, se houve manutenção da contaminação ou não. Esses organismos já esperávamos haver contaminação porque são organismos filtrantes, são mais fixos e não escapam da região com contaminação, já os peixes são mais fáceis de sair desses ambientes por isso não houve a presença de contaminantes", destaca. Emerson Soares afirma que o consumo de pescados deve seguir alguns cuidados, principalmente mariscos e

massunins que são organismos mais expostos à contaminação. Outro ponto importante é que, apesar da primeira análise de peixes não ter acusado contaminação, não é possível descartar o risco. "Tem que ter certos cuidados no consumo de marisco, sururus e massunins de áreas que foram bastante afetadas, quanto aos peixes ter certos cuidados como saber da origem deles, mas os peixes não apresentaram problemas, como as amostras foram pequenas, não significam que não possam apresentar, por isso necessitamos ter mais amostras coletadas e analisadas e ver a evolução durante estes dois anos de coletas e análises", ressalta o pesquisador.



Mais de 40 áreas nas praias alagoanas registraram a chegada do óleo que atingiu todos os estados do Nordeste, além de Rio de Janeiro e Espírito Santo

Mais de 2t de óleo foram recolhidas em Alagoas

O surgimento de óleo nas praias da costa alagoana começou a ser registrado no início de outubro do ano passado. Ainda em outubro, uma força-tarefa de pesquisadores da Ufal iniciou estudos sobre a possível origem do material e os impactos decorrentes.

Segundo o último levantamento divulgado no ano passado pelo Instituto do Meio Ambiente (IMA-AL) mais de 2 toneladas de óleo, areia e sargazo contaminados foram

recolhidos na costa alagoana. Mais de 40 pontos nas praias alagoanas registraram a chegada de óleo.

A Fundação de Amparo à Pesquisa de Alagoas (Fapeal) destinou, no fim do ano passado, R\$ 200 mil para o estudo. Agora, com a aquisição de equipamentos e definição das metodologias será "mais rápido" fazer as análises e emitir resultados.

Ainda segundo os pesquisadores uma das próximas etapas do estudo, além do

monitoramento, será a biorremediação das áreas e destinação do material recolhido.

"Estamos estudando a melhor forma de uso. Atualmente, os resíduos estão ocupando uma área do aterro sanitário que não foi destinada para isso, apesar de ser um único aterro qualificado para esse fim. A ideia é dar um uso mais nobre para o material", explicou Sandra Helena Vieira, pesquisadora do Centro de Tecnologia (CTEC) e integrante da força-tarefa.

Um balanço divulgado este ano pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) mostra que mais de mil localidades, em todo o Brasil, foram afetadas pela chegada do óleo. O óleo ainda estaria visível em 380 pontos, e além de todos os estados do Nordeste, afetou Rio de Janeiro e Espírito Santo. Ainda segundo o Ibama, 189 animais foram afetados, a maioria tartarugas (102). (E.P.)



Soares destaca que óleo é só um dos impulsores da contaminação

MONITORAMENTO "É preciso saber se água e pescados estão livres"

A análise considerou diversos aspectos, inclusive a presença de metais pesados. Mais de 20 pesquisadores da Ufal atuam na força-tarefa e contam com a colaboração da Universidade Federal de Sergipe. Eles farão coletas quinzenais nos próximos dois anos para determinar o real impacto do derrame de óleo na costa alagoana.

Em relação à água, houve melhora nos índices de presença de contaminantes do petróleo. No entanto, o estudo aponta que há presença de outros tipos de contaminação, como esgotos.

"O monitoramento segue, serão dois anos. Vamos fazer coletas bimensais a partir de fevereiro para analisar a qualidade da água, sedimentos, impacto no turismo, tudo isso está sendo visto pela equipe. Vamos atuar em várias linhas de trabalho para que as informações sejam divulgadas o mais rápido possível. Serão dois anos para divulgarmos um relatório completo da situação e ver se os produtos ficaram livres, a água e os organismos ficaram livres do problema do óleo. Lembrando que o óleo foi um dos impulsores do problema, mas temos outros problemas que trazem contaminantes para os organismos que são os esgotos e os resíduos industriais que contaminam nossas áreas costeiras e isso também é um fato perigoso de contaminação e acumulação nos organismos", diz Emerson.

Segundo o pesquisador, alguns pontos da costa alagoana ainda apresentam fragmentos de óleo. "É óleo antigo, mas ainda tem presença, são três ou quatro praias do litoral, um pouco em Feliz Deserto, pertinho ali de Coruripe, Feliz Deserto e Japaratinga. Mas diminuiu bastante, o que chega de quantidade agora é cerca de 1% a 2% do que a gente tinha antes. Não é óleo novo, é óleo antigo que vem pelas correntes ou que vem pelo movimento da água", aponta. (E.P.)